

EM PERNAMBUCO

# Índios do Rio Negro fazem curso de pós-graduação

Fotos: Andréia Mayumi

**DOIS ÍNDIOS FAZEM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, EM ANTROPOLOGIA, MAS REIVINDICAM SALÁRIOS PAGOS PELA SEDUC**

ANA CELIA OSSAME  
 ENVIADA ESPECIAL

**S**ÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM — Dois professores indígenas da região do Alto Rio Negro estão em Pernambuco fazendo curso de pós-graduação em antropologia. O projeto, resultado de uma parceria entre a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPe), iniciado há dois anos, vai abrir mais uma vaga no final deste ano, quando haverá uma prova de seleção de candidatos, informa a antropóloga Maria do Carmo Brandão, 48, professora e coordenadora do curso de pós-graduação daquela instituição.

Maria do Carmo participou do 1º Seminário de Pesquisa do Rio Negro realizado de 15 a 18 de novembro no Município de São Gabriel da Cachoeira (a 850 quilômetros de Manaus), onde falou sobre os resultados da parceria. Os professores que estão fazendo pós-graduação são Dorvalino Chagas e Artur Ferreira, ambos



**MARIA DO CARMO** É a coordenadora do programa de pós-graduação

da região de Iauaretê. Dorvalino, da etnia piratapuaia, foi o primeiro a ser aprovado para fazer o curso. Na universidade vai defender a tese de mestrado sobre o tema "Cosmologia e mitologia uaicana", referente aos índios da região do rio Papuri. Ele deve voltar no próximo ano já com o título de mestre. Segundo a professora, essa é a primeira vez que um

índio, aprovado num processo de seleção, realiza uma pesquisa atravessando todo o processo intelectual desse processo. Dorvalino é orientado pelo professor Renato Athias, antropólogo da UFPe, que também desenvolve trabalhos de pesquisa na região do Rio Negro. Artur Ferreira, da etnia Tucano, começou a estudar este ano e trabalha o tema "Hierarquia e sistema político Tucano dos rio Uaupés".

rarquia e sistema político Tucano dos rio Uaupés".

## BOLSA DA SEDUC

Os professores indígenas que vão para Pernambuco têm bolsa para se manter, mas sem poder levar a família reivindicam da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino (Seduc) a continuidade do pagamento dos salários sob pena de a família deles, que permanece nas comunidades, enfrentar problemas para se manter. "Esse tem sido um problema para eles que gera intranquilidade", explica Maria do Carmo.

Para ela, o argumento em defesa desta tese é simples: com a pós-graduação os índios terão professores mais qualificados. Na verdade, segundo ela, os índios do Rio Negro têm melhores condições de educação. "A qualificação educacional é alta nesta região", acrescenta.

A professora acredita que a partir da primeira titulação do professor ficará mais fácil obter recursos e apoio para conseguir bolsas para financiar os estudantes.

Maria do Carmo observa que na universidade os índios têm a oportunidade de receber um volume grande de matérias teóricas e têm tempo para se relacionar com outros professores, aumentando a possibilidade de ter uma visão distanciada da região de origem. "Isso é muito enriquecedor para a formação deste profissional que vai voltar para a sala de aula com um novo olhar para a educação", garante.

## TOPONÍMIA

# Líder defende volta dos nomes indígenas

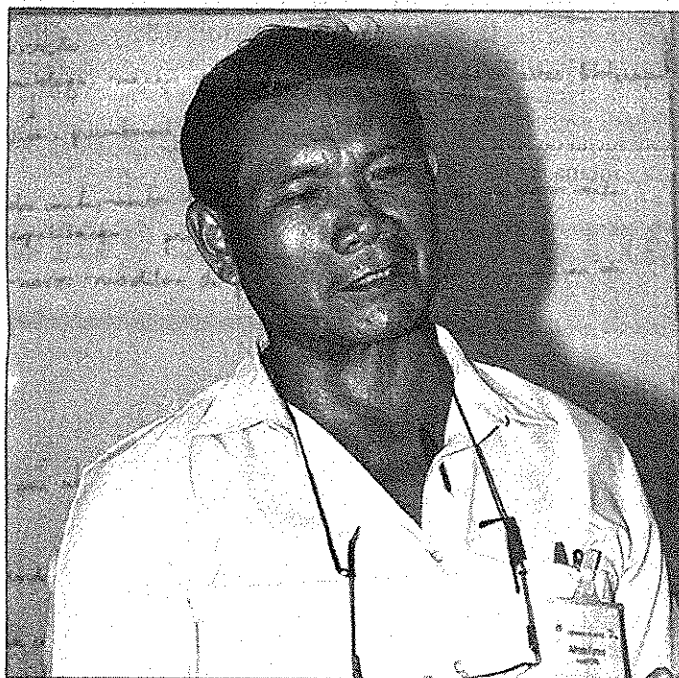
O líder indígena Alfredo Fontes, 50, da região do rio Tiquié, do Rio Negro, lançou a proposta para a população dos municípios de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel voltar a utilizar os nomes indígenas para denominar os locais e as pessoas naquela região.

"Todo nome indígena tem uma história e essa história foi enterrada pelos brancos, que trocaram os nomes dos nossos lugares e das pessoas pelos de santos católicos e outros nomes de brancos", disse ele, que era um dos participantes do 1º Seminário de Pesquisa do Rio Negro, como representante da região do rio Tiquié. Alfredo defende a toponímia, que é o estudo lingüístico ou histórico da origem dos nomes.

Ele lembrou que seu nome original, dado pelos pais quando era criança,

era "irê-miri", cujo significado é "passarinho de pupunha". A troca deu-se pela necessidade de viver entre os brancos, mas ele a considera prejudicial aos índios. "Deixamos nossos nomes originais que têm significados importantes para a nossa história e cultura, para adotar os nomes dos brancos, perdendo nossa identidade", critica ele, ao citar vários nomes indígenas. "Deram nome de anjo para as nossas terras, mas isso deveria começar a mudar", critica. Se tivesse filhos, Alfredo afirma que os denominaria com os nomes indígenas.

Ele é casado, mas lamenta que sua esposa não possa ter filhos. Quanto a isso, tem mais uma reclamação. Se vivesse nos costumes tribais, o povo dele o permitiria trocar de esposa se esta não tivesse condições de procriar.



**ALFREDO** Ele não quer mais nomes brancos denominando indígenas

Como vivem agora sob as leis dos brancos, vai ficar sem gerar filhos. Para Alfredo, nesses tempos em que se fortalece um programa regional de desenvolvimento para o rio

Negro, seria a oportunidade para se começar a discutir a ideia da toponímia e voltar a denominar os locais e as pessoas com os nomes indígenas.